

# Mercado financeiro esperava mais

Brasília — A desvalorização de 8,49% do cruzado frente ao dólar não correspondeu às expectativas do mercado financeiro. No dia 24 de abril, o diretor da corretora carioca Pactual, André Roberto Jakurski, dizia que o mercado estava contando com a possibilidade de uma maxidesvalorização logo após a queda do ex-ministro Dilsen Funaro. Refletindo a expectativa de amplos setores do mercado financeiro, Jakurski avaliou que a máxi devêria ser de 30% ou 40%.

Uma máxi de 30% causaria forte impacto e ao mesmo tempo neutralizaria qualquer tentativa de especulação — disse o dirigente da Pactual.

Jakurski reconhecia que uma maxidesvalorização do cruzado, no con-

texto de uma política monetária frouxa, em função de subsídios às pequenas e médias empresas, por exemplo, causaria necessariamente pressão inflacionária.

— Se a máxi fosse feita em janeiro influenciaria menos a inflação, mas agora (dia 24/4) seria como jogar álcool na inflação — sentenciou.

O mercado, naquele momento, não contava com qualquer possibilidade de maxidesvalorização, “porque Funaro tem demonstrado um forte princípio em não adotar esse tipo de expediente”. A máxi, na opinião de Jakurski, só viria com a chegada do novo ministro da Fazenda, que deveria promover, junto com ela, um aperto na política monetária e um aumento

dos juros “para não retardar a conversão dos dólares gerados pelos exportadores e estimular a aplicação desse dinheiro no Brasil”.

A média desvalorização aplicada pelo ministro Bresser Pereira, portanto, não atendeu às expectativas do mercado financeiro. As reações, de acordo com especialistas, devem ser positivas por parte dos exportadores. As ações das companhias exportadoras, que aumentaram sua cotações nos últimos dias, principalmente depois da indicação de Bresser Pereira para a Fazenda, devem continuar subindo. Também subirá o preço do dólar no mercado paralelo, fazendo com que o diferencial entre o black e câmbio oficial volte a aumentar.